

A propósito da data que ora comemoramos, disse Sophia de Mello Breyner: “ Esta é a madrugada que eu esperava/ O dia inicial inteiro e limpo/ Onde emergimos da noite e do silêncio/ E livres habitamos a substância do tempo”

Anos antes, um outro poeta, Sebastião da Gama, havia cantado que “ Pelo sonho é que vamos/ comovidos e mudos/ Chegamos? Não chegamos? / Pelo sonho é que vamos”.

Ora foi este sonho que, faz agora um século, levou a que em contexto outro e com diferentes razões, se tenham “ da lei da morte libertado” aqueles que, em 5 de Outubro de 1910, instauraram no nosso país a REPÚBLICA que, ao longo deste ano iremos festejar.

Continuando na senda de alusões poéticas, “o sonho (que) comanda a vida” foi de novo posto em acto na madrugada de 25 de Abril de 1974, levando-nos a sair da noite em que há 48 anos estávamos mergulhados. A opressão a que nos submetiam, as desigualdades gritantes que por todo o país campeavam, o silenciar das liberdades fundamentais e uma guerra colonial que esvaziava os cofres públicos e subtraía milhares de jovens a uma vida de paz de que eram credores, levou a que alguns elementos das forças armadas tomassem em mãos a transformação do sonho em realidade. Nunca é de mais realçar que o movimento militar que, em 25 de Abril de 74, restituiu a liberdade aos portugueses, conseguiu levar a cabo um golpe de estado sem que

com ele fosse sequer derramada uma gota de sangue. Perfilhemos as opções políticas que perfilharmos, jamais será demasiado enaltecer a obra dos capitães de Abril. Nunca é excessivo salientar a libertação da prisão daqueles que só lá estavam porque as suas ideias não condiziam com as das cabeças pensantes dos senhores do 24 de Abril.

29.
Jorge
M

Depois foi o povo a aprender a viver em liberdade. Foi o aprender a construir uma democracia que, não sendo perfeita, não encontra, porém, sistema político que a suplante ou sequer iguale. Foi a entrega das colónias a quem de direito pertenciam. Foi o colocar Portugal a par dos outros países.

Teremos que continuar a ir pelo sonho como preconizava o poeta e continuar a envidar esforços para uma chegada que é de todos os dias. As efemérides históricas não acabam em si mesmas, há que prosseguir a caminhada e não desistir nunca de fazer mais por esta Pátria que é nossa.

Tudo isto pode acabar por parecer um arrazoado de lugares comuns, mas como, por vezes, a memória dos homens é curta, será sempre de promover a exaltação deste “dia inicial inteiro e limpo”, este dia de excepção, que há que celebrar como algo que entrou na nossa História e na nossa vida e que nunca deverá ter permissão de delas sair.

Jorge M



Vou começar esta minha curta intervenção evocando uma escritora bem conhecida do público português:

Esta é a madrugada que eu esperava

O dia inicial inteiro e limpo

Onde emergimos da noite e do silêncio

E livres habitamos a substância do tempo

Foi assim que Sofia de Melo Breyner se referiu à madrugada do 25 de Abril. Era o fim de 40 anos de ditadura em Portugal, em que o país esteve mergulhado na tristeza e no medo. Não havia democracia, não se realizavam eleições livres, as pessoas não tinham liberdade de expressão, sentindo-se constantemente ameaçadas pela polícia política que perseguia e torturava os opositores do regime.

Grassava a guerra em África e depois de 13 anos de guerra contavam-se 10.000 mortes e 30.000 feridos entre os Portugueses.

Estimava-se a existência de trinta (30) por cento de analfabetos.

A economia era tutelada pelos grandes grupos económicos, detentores de grandes privilégios.

O 25 de Abril trouxe para nós, os que o viveram e sentiram uma nostalgia, mas ao mesmo tempo um farol de liberdade, de ética, de virtude e de humanismo. Esta revolução representou um ponto de viragem na nossa história. Não obstante, as aspirações exaltadas no 25 de Abril, estão agora permanentemente a ser

postas em causa.

Senão vejamos:

As tendências da sociedade portuguesa ao nível da participação social e política indicam no primeiro caso que os níveis de associativismo e activismo são mais baixos que os da Europa e que em relação à política verifica-se uma tendência para o abstencionismo, a par do aumento da volatilidade eleitoral.

Portugal é identificado como sendo uma sociedade de profundas desigualdades sociais. Aumenta o Desemprego. A repartição da riqueza é a mais injusta de toda a União Europeia e o fosso entre ricos e pobres tem vindo a aumentar.

Agora surge o PEC (Plano de Estabilidade e Crescimento), que assume o objectivo de reduzir o deficit público, mas que parece que vão ser os mais pobres e as classes médias a assumir o esforço da redução do deficit, o que desacredita o já estafado argumento que os sacrifícios são para todos.

A crise que vivemos, faz-se notar nos mais variados níveis do funcionamento do sistema.

Até ao nível do ensino, um tema que me é particularmente caro, se verifica um poder absolutista, encarnado pelo actual modelo de gestão das escolas.

Também aqui, o manancial de participação democrática se perde.

E a Justiça?

Bem, a Justiça deveria ser o pilar da Democracia, mas actualmente a ordem jurídica sofre entorses em resultado das pressões, essencialmente dos poderes económicos, mas também dos poderes religiosos e políticos.

A corrupção é hoje o maior obstáculo ao desenvolvimento económico e social. Os recentes casos de corrupção no futebol, nas forças policiais, não constituem, porventura causas de crise do sistema ou do desprestígio dos políticos e das instituições, mas, pelo contrário são o seu efeito, isto é, revelam o estado de degradação do sistema. É o chamado «Inimigo sem Rosto», assim designado pela nossa Procuradora Geral Adjunta Dr^a Maria José Morgado.



As comemorações do 36º aniversário do 25 de Abril encerram no actual contexto um profundo significado político, social e económico.

As palavras do nosso Presidente da República devem constituir para nós um sinal de «ALERTA». De acordo com Cavaco Silva, a democracia não goza de boa saúde, havendo necessidade de a qualificar e revitalizar. O Estado tem de ser reconstruído de molde a responder às funções que lhe competem. Portugal tem de encontrar o seu próprio caminho e não forjar-se por modelos impostos por outros.

Pelo estado da DEMOCRACIA somos todos responsáveis!

Não podemos permanecer indiferentes à diferença!

É tempo de dizer basta !

É tempo de não recear rupturas!

É tempo de reclamar Paz, Trabalho, Democracia e Liberdade !

É tempo de reclamar Justiça !

É tempo de agir com novo ímpeto !

E vou terminar parafraseando o filósofo americano Ralph Emerson:

O segredo da humanidade está no vínculo entre as pessoas e os acontecimentos.

As pessoas ocasionam os acontecimentos e os acontecimentos formam as pessoas.

Obrigada.

ANEXO(3)

Y.
Jorge
Phw



Senhora Presidente da Assembleia Municipal
Senhor Presidente do Município do Cartaxo
Senhores Vereadores
Senhores Deputados Municipais
Senhores Convidados
Senhores Jornalistas
Minhas Senhoras e meus Senhores

Para todos vós as saudações democráticas da CDU - Coligação Democrática Unitária,

A revolução de 25 de Abril de 1974 foi um dos momentos mais marcantes da história recente do povo português e de Portugal.

A revolução de Abril foi o culminar de uma longa, difícil e corajosa luta de resistência dos trabalhadores e do povo português, que pôs fim à ditadura fascista e à guerra colonial, restituiu a liberdade aos portugueses, consagrou direitos essenciais dos trabalhadores e dos cidadãos, promoveu mudanças positivas nos valores e mentalidades, impulsionou transformações económicas e sociais progressistas e abriu caminho à construção de um Portugal democrático.

Comemorar Abril é lembrar a Constituição da República e o seu conteúdo profundamente democrático e progressista.

Os grandes valores da Revolução de Abril criaram profundas raízes na sociedade portuguesa e continuam a inspirar a luta dos trabalhadores e de todos os cidadãos que acreditam que é possível e necessária uma sociedade mais participada, mais justa e mais democrática.

Celebrar hoje a Revolução de Abril significa não esquecer os crimes e a opressão da ditadura fascista e recusar as tentativas de branqueamento e desculpabilização do fascismo e da sua história.

É contrariar o conformismo, a passividade e a perda de memória.

É valorizar a modernidade e actualidade dos princípios do projecto libertador da Revolução de Abril.

Comemorar Abril é lembrar a conquista da Liberdade sindical e do direito à greve;

É lembrar a conquista das liberdades de reunião, de associação, de expressão, de imprensa;

É lembrar a consagração de Eleições livres e a livre formação de partidos políticos;

É lembrar a consagração de Eleições livres e a livre formação de partidos políticos;

Comemorar Abril é o poder local e a necessidade de concretizar a Regionalização;

É lembrar que o Salário mínimo nacional, os subsídios de férias e de Natal, o Subsídio de desemprego, as pensões e reformas generalizadas a todos, são conquistas de Abril;

É lembrar a conquista do direito de voto aos 18 anos, a igualdade de direitos para as mulheres, o direito à saúde, ao ensino e educação;

Mas ao assinalarmos Abril e as suas conquistas, não podemos deixar de lembrar as políticas de direita conduzidas por sucessivos governos que durante três décadas, levaram à destruição sistemática de grandes conquistas de Abril e que recuperaram o domínio económico e político do grande capital e enfraqueceram a soberania e a independência nacionais e de novo acentuaram as desigualdades e as injustiças sociais, gerando a grave crise económica e social que o País actualmente atravessa.

E os resultados estão à vista:

O desemprego atinge níveis históricos com mais de 700 mil desempregados.

Só em 2009 foram liquidados mais de 140 mil postos de trabalho.

Proliferam os salários em atraso e as empresas em dificuldades;

Cresce de forma assustadora a pobreza e a miséria, resultantes do desemprego, dos baixos salários e pensões;

A precariedade alastra, afectando sobretudo as camadas mais jovens;

A emigração para outros países é hoje novamente o recurso para muitas famílias;

Com o poder de compra do povo português a diminuir constantemente, Portugal vive hoje uma situação económica e social, que é inseparável das políticas que desprezam a actividade produtiva e a produção nacional e que tem como modelo de desenvolvimento a aposta nos baixos salários e que persiste na destruição dos serviços públicos, de que a saúde é apenas um flagrante exemplo, que encontra na corrupção e nas limitações no acesso e no funcionamento da justiça uma expressão concreta do crescente domínio do poder económico sobre o poder político;

O que falta na vida de milhões de portugueses, sobra em lucros e privilégios para os grupos económicos nacionais e estrangeiros, bem como nos escandalosos salários dos seus gestores;

Os cinco maiores bancos tiveram mais de 1700 milhões de euros de lucros no último ano. Lucros que são inseparáveis dos benefícios fiscais, de dinheiros e apoios públicos, de privatizações; Enquanto o grande capital, mesmo em tempo de crise, não pára de aumentar os seus lucros,

quem continua a pagar a factura, ano após ano, são as famílias, os que menos têm e menos podem, os micro, pequenos e médios comerciantes e industriais;

Como se tem visto, o dinheiro existe, está é mal distribuído...

E como se isto não bastasse, vêm agora procurar impor-nos o PEC, que a ser concretizado, significará mais sacrifícios para os mesmos de sempre, os trabalhadores e o povo, e lucros e benesses para os grupos económicos;

Eles procuram fazer crer que não há outra solução.

Nós entendemos que há outro caminho. Que passa pela ruptura com as políticas que têm sido seguidas ao longo de anos e anos e cujos resultados estão à vista.

Portugal e os portugueses precisam de uma outra política, patriótica e de esquerda, que ancorada nos valores de Abril e da Constituição da República, promova o aumento geral dos salários e pensões, estimule a produção nacional e alargue o investimento público, que ponha fim ao negócio criminoso das privatizações, que promova uma política fiscal mais justa e vá buscar dinheiro onde ele existe, que acabe com os benefícios fiscais das grandes empresas e da especulação bolsista, que promova a criação de emprego com direitos que aumente o apoio aos desempregados, que reforce os serviços públicos e as funções sociais do estado, que valorize o Serviço Nacional de Saúde, que resista às imposições dos grandes países da União Europeia.

É preciso retomar os caminhos de Abril, com mais democracia e mais justiça social e lutando por uma outra política assente nos valores de esquerda, que promova a cidadania activa, respeite e valorize quem trabalha e que assegure uma distribuição mais justa da riqueza.

Ontem como hoje, é pela luta e intervenção que se afirmará a vontade e determinação dos trabalhadores e do povo em defender e afirmar as conquistas e direitos da Revolução de Abril.

Viva o 25 de Abril!!!

Júlio
P



25 de Abril de 2010

Faz hoje trinta e seis anos que o Movimento das Forças Armadas derrubou o regime ditatorial que durante 48 anos oprimiu o Povo Português.

Nessa dia os militares de Abril disseram claramente ao que vinham: Democratizar, Descolonizar e Desenvolver foi o lema, e Portugal entrou no fórum das nações democráticas e amantes da paz.

Foi o fim de um dos períodos mais ignorantes e obscurantistas de Portugal, foi a esperança numa nova sociedade em que o respeito pela Autoridade Suprema de DEUS, PÁTRIA, FAMÍLIA não seria mais o fio condutor de uma sociedade farta de guerra, de ditadura e de pobreza que alucinadamente lhe diziam ser honrada e feliz.

Trinta e seis anos passaram e apesar de termos descolonizado, democratizado e desenvolvido mais do que era expectável, derrotando o modelo de desenvolvimento trágico e disparatado do salazarismo, vivemos ainda num logro, numa mentira de desenvolvimento liberal que políticas artificiais insistem em perpetuar.

Uma mentira produtora de vidas encurraladas, manietadas e agredidas, vividas pelos chamados *excluídos*, na realidade os novos escravos, os escravos de um modelo vigente que apenas se interessa pelo lucro e pela utilidade.

Se não reagirmos chegará o dia em que parecerá aceitável perguntar qual a utilidade de viver se não for para dar lucro.

Que Desenvolvimento é este em que os homens e as mulheres são escolhidos ou rejeitados em função de um mercado de trabalho errático, cada vez mais virtual e ao serviço apenas do lucro especulativo... Que faz com que já se comece a ouvir nos subterrâneos da mensagem política, que é necessário termos de produzir para merecer a dignidade humana?

Sejamos realistas, não se pode viver sem utopia, sem sonho, mas os conceitos abstractos de República ou Democracia pouco interessam, enquanto Liberdade e Justiça Social forem palavras vãs e enquanto os supostos representantes dos cidadãos não levarem efectivamente em consideração as aspirações dos cidadãos.

O interesse que estes atribuem às Instituições democráticas é e será sempre cada vez mais reduzido, caso as instituições continuem a não corresponder às esperanças que quase todos depositaram no 25 de Abril.

Pensou-se que bastaria a instauração da Democracia Parlamentar para Democratizar, baralhou-se o Poder do Povo com a Liberdade do Povo.

Acreditou-se que a soberania teórica dos cidadãos bastaria para lhes garantir a Liberdade Efectiva.

Democratizou-se graças ao 25 de Abril, permitiu-se a representatividade, o governo da maioria e a alternância democrática no Poder, mas se os homens no poder mudam, a realidade é que temos visto sempre o mesmo filme em exibição, o mesmo filme vezes sem conta em que se vão mudando os actores principais que continuam no entanto a dizer o mesmo texto.

Vivemos numa época em que a tecnocracia e burocracia administrativa, cuja importância e atribuições aumentam de dia para dia escapa a qualquer mudança de política, os Burocratas, os Técnicos, a Administração e a sua cada vez maior invocação para o exercício de poder, servem apenas para não se prestar contas aos cidadãos.

Os técnicos e a burocracia administrativa elevados que estão a Ente Superior de governo, além de politicamente irresponsável, pois não vai a votos, é cada vez mais uma máquina debitadora de dogmas que leva a que as liberdades políticas conquistadas a grande custo ao longo da história sejam hoje débeis, pois deixam os cidadãos completamente desarmados face à arbitrariedade de um novo despotismo, o da tecnocracia burocrática e administrativa.

Passados todos estes anos, começa a parecer claro que o 25 de Abril trouxe-nos a DEMOCRACIA mas não ainda a LIBERDADE PLENA.

O que é a Liberdade quando uma classe de homens pode deixar outra com fome?
O que é a igualdade quando o poderoso pode exercer o direito de dignidade de vida sobre os seus semelhantes?

Liberdade, Igualdade, República, parece uma de miragem nos tempos que vivemos.

Só seremos verdadeiramente livres quando todos os seres humanos que nos rodeiam, homens e mulheres, forem igualmente livres.

O jogo político que felizmente a Democracia permite e que nos foi oferecido pelos capitães de Abril, tem desde sempre sido traduzido no exercício de poder, do que é imposto e do que é consentido, mas desde sempre também que existem homens e mulheres que se recusam a entrar nesse jogo.

Ao longo da história foram sempre estes, que com o seu contributo em momentos vitais, a foram moldando ao seu ideal de uma vida melhor, mais consciente e mais livre.

Como Salgueiro Maia, depois desaparecem assim que passa a turbulência revolucionária e infelizmente chegam os novos organizadores do novo poder que os vota ao esquecimento ou que lhes ergue estátuas ocas e os comemora em efemérides cada vez mais afastadas dos seus valores.

Insubstituíveis como fermento da história, existirão sempre homens e mulheres livres, condenados a lutar pelos outros, gente que não colhe o que semeou e podendo parecer ser essa a sua tragédia, são no entanto esses que deixam a germinar nos humanos a ideia de liberdade, essa meta fabulosa que sempre esteve, está e estará na imaginação do Homem.

(Poema de Brecht)

Pedro Mendonça

Deputado Municipal, BLOCO DE ESQUERDA

A handwritten signature in black ink, appearing to read "J. Pereira". The signature is stylized and located in the top right corner of the page.